

TRAJETÓRIAS DESTOANTES: MULHERES SEDUTORAS, MULHERES "PECADORAS". PROSTITUIÇÃO, EXCLUSÃO E SENSIBILIDADES EM CARUARU NOS ANOS 1970.[1]

Yago Felipe Campelo de Lima[2]

Resumo
Esta comunicação tem como alvo primeiro, pensar, como num dado momento histórico - as décadas de 1960/70 - o fenômeno da prostituição é possível de leituras e releituras em uma cidade do Agreste Pernambucano: Caruaru, a partir dos discursos e enunciados contidos nos jornais *A DEFESA* e o *VANGUARDA* inicialmente, fontes subsidiárias para a realização deste fazer, juntamente com alguns Projetos de Lei da Câmara Municipal de vereadores e, a literatura local, à exemplo de Nelson Barbalho, primando pelas representações, como construtoras do mundo social e forjadoras de uma imaginário citadino acerca da prostituição pelos discursos e suas tantas relações de poder e saber juntos.Para a operacionalização da pesquisa, nos apropriamos de alguns conceitos chaves, como o de representação, a partir do historiador francês da cultura, Roger Chartier, sensibilidade, exclusão e segregação, da historiadora brasileira Sandra Jatahy Pesavento, discurso e batalha discursiva, do filósofo francês Michel Foucault, para fundamentar o que está sendo defendido nesta proposição e tentar compreender a vida destas mulheres-prostitutas das décadas de 1960/70 na "*Princesa do Agreste*" pernambucano.

Palavras-chave: Gênero. Imprensa. Cidade.

> *A mudança, tão decantada aos quatro ventos da ZONA DA RUA ALMIRANTE para local adequado, não deixa de ter seus melindres, requer suas cautelas, tanto de relações públicas e entendimento de comunitarismo. Às vezes, muito atropeladamente, apontam soluções vexatórias, escudados por trás de uma demagógica medida de "sanidade moral"... ou outra qualquer rotulagem parecida e que se presta a encobrir violências, que deixam as coisas piores do que estavam.*[3]

3 de fevereiro de 1973, um primeiro discurso. O primeiro de alguns que ainda viriam a existir neste mesmo ano, publicados nos jornais **A Defesa** e o **Vanguarda**, sobre a transferência do "baixo meretrício" para um novo lugar

[1]Este texto é um trecho de minha dissertação de mestrado, intitulada: *Cidades (in)visíveis, cidades sensíveis, cidades (in)desejadas: uma história de prostituição em Caruaru-PE(1960/1970*), defendida no PPGH da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG-PB.
[2]Mestre em História pela UFCG-PB. Professor da ASCES-UNITA (Centro Universitário Tabosa de Almeida).
[3]**A DEFESA**, 3 de fevereiro de 1973.



da cidade. Quem o faz é o escritor e professor Aleixo Leite Filho, na coluna intitulada *No Império do Sexo*[4] parte V. Eram os primeiros indícios do que, mais tarde aconteceria com as prostitutas da rua *Almirante Barroso*. Nos dois jornais analisados, esse será o primeiro comentário no tocante a mudança, que não podia mais esperar.

O autor da matéria, aparentemente mostra-se preocupado com o futuro dessas "infelizes" habitantes do "antro" de perdição que manchava moral e socialmente a cidade a que pertencia como "cidadão de bem". A citação que anuncia esta discussão nos deixa visível, o tom da preocupação, quando ele afirma que tal assunto tem seus melindres e, que é preciso cautela na tomada das decisões públicas, quando a isso, ele tinha razão.

Dizemos uma aparente preocupação, pois o mesmo autor é aquele que discursará de forma aligeirada e desumana sobre as mesmas prostitutas na coluna de sua autoria: *No Império do Sexo*, muitas vezes, atribuindo as estas mulheres os piores adjetivos possíveis encontrados em seu vocabulário, vocabulário de uma temporalidade, fruto das representações que compunham seu imaginário. Ressaltamos que para aquele homem, resultado do seu tempo e de suas representações, a *rua Almirante Barroso* é em todos os sentidos um nojo, uma vergonha, uma sujeira, uma rua depravada, decaída, e mau exemplo à cidade, é uma rua doente e, portanto, como uma rua doente, ela precisava de cura.

A cura para aquela rua "doente", "condenada", de alteridade negada, seria a retirada destas mulheres do "coração da cidade", lugar visível e central demais na *urbe*? Ou, seria melhor a extinção total delas? Como a segunda opção é quase impossível, talvez a primeira já fosse de bom tamanho aos anseios do autor e as forças as quais estava ligado. De fevereiro até o mês de julho de 1973, um silêncio. Uma quietude. Uma calmaria nos discursos. Durante este período de tempo nada mais se diz sobre a possível transferência da "zona" da *Almirante Barroso* para o futuro Mocó nos jornais **A Defesa** e o **Vanguarda**.

Será que por algum momento as prostitutas residentes na "rua da zona", não pensaram que as autoridades locais tinham esquecido aquele assunto e, portanto,

[4] No Império do Sexo foi uma série de comentários tecidos em torno da prostituição em Caruaru no ano de 1973, mas, especificamente sobre a *Rua Almirante Barroso* pelo escritor e professor Aleixo Leite Filho. Essa série de comentários foi publicada pelo jornal **A Defesa** sendo divididos em oito partes, tendo início em 06 de janeiro de 1973 e sendo concluída em 23 de fevereiro do mesmo ano.



as deixariam em paz, sem causar-lhes temor quanto a suas situações no presente e no incerto futuro que se delineava? O tempo responderia esta simples e ao mesmo tempo complexa questão.

- Março.
- Abril.
- Maio.
- Junho.
- Julho.

Após, basicamente cinco meses sem nada ser dito pelos jornais, sobre a transferência daquelas "decaídas", no dia 07 de julho, o jornal A Defesa publica em suas páginas novas informações, sobre a trama da exclusão, cognominada de "transferência", nos legando mais subsídios para o entendimento dessa história. Dizia assim a notícia em letras garrafais: **Zona irá Para Mocó**.

A notícia tão esperada, tão aguardada há anos por muitos, ganha destaque na publicação do jornal **A Defesa**, era um dia desses de sábado de 1973. Aquele enunciado era para muitos a esperança de que aquelas mulheres "imundas" deixariam o centro da cidade, elas desobstruiriam as artérias centrais da *urbe* com sua tardia saída. Ou era agora ou, não seria nunca mais, pois como já havia dito antes, outros comentadores, aquela situação problemática já atravessava várias "gestões respeitosas".

A matéria do dia 07 de julho de 1973, não aparece assinada com o nome de ninguém. Não há nomes no fim da notícia. Trazemos essa informação, porque infelizmente não poderemos dar nome aos bois com relação a esta escrita, mas, independentemente de quem a escreveu, pareceu escrever com muito entusiasmo, alegria e talvez satisfação, é só observarmos a última frase da notícia.

Quem a escreveu, redigiu de forma tão mecânica e pontual que parecia ter a certeza de que as coisas aconteceriam exatamente do jeito que estavam sendo ditas e anunciadas ali na matéria. Como se tudo já estivesse sido esquematizado e traçado anteriormente, planejado. E não estava? Há nos discursos oficiais alguma falta de intencionalidade, sobretudo, quando eles estão em parceria com as autoridades citadinas? Certamente que não. Há na narrativa um início, um meio e um fim no que se refere a transferência das prostitutas da *Almirante Barroso* para as redondezas do Mocó.



Há uma insensibilidade, fruto da ausência da alteridade, por parte de quem escreveu a matéria ao olhar a figura da prostituta, habitante da rua *Almirante Barroso*, que é pensada ali naquelas linhas simplórias, como um objeto qualquer apto a ser transportado de um lugar para o outro, como coisas em mudança. Elas foram vistas apenas como um "problema", mas, não eram também humanas aquelas mulheres, resultantes de um sistema de opressão e privações: o capitalista?

Elas são vistas e entendidas como coisas, coisificadas por sua prática "imoral" e "ordinária", pela "podridão" de suas práticas, daí o olhar de desprezo por parte de quem escreve. O discurso é duro, metódico, taxativo, não há em momento algum uma preocupação social ou uma discussão com relação ao futuro daquelas pobres mulheres, muitas vezes cansadas da vida que levavam. Dizemos pobre em seu duplo sentindo literalmente, pobres pois desprovidas de bens materiais sobrava-lhes a pequena renda advinda da "zona", pobres porque só podiam em muitos momentos contar consigo mesmas.

A matéria começava informando a população da época e agora a nós, que a retirada dos cabarés da rua *Almirante Barroso*, foi por determinação do "delegado major Fernando Veras" em consonância com o dr. Plácido de Souza- juiz da 1ª Vara- para quem a referida rua é um "palco de desordens, criminalidades, deboche e arruaças", informações estas contidas em um ofício que envia as autoridades policiais de Caruaru.

Entendemos aqui a palavra "transferência" como uma palavra que mascara a real intenção da ação conjunta de diversas instâncias da cidade: a limpeza social, tendo como sobrenome a exclusão. A ordem das coisas era clara: elas, as prostitutas deveriam se tornar mais "invisíveis" em Caruaru, embora continuassem a servir de objeto de procura e prazer para aquelas coisas... vocês sabem. Desde que estivessem longes das artérias centrais, dos olhos dos "cidadãos de bem". O "pecado" não podia permanecer no centro, mas pouco importava se ele fosse periférico, já não eram aquelas mulheres?

Segundo o jornal A Defesa deste dia, a prostituição e consequentemente as prostitutas eram um "grave problema dentro da bela cidade, cognominada *Capital do Agreste*", portanto não combinariam com a modernidade e a beleza pensadas para o município. Elas eram seres destoantes de um *ethos* pensado pelos "donos da



cidade"- uma elite política e econômica- para o ideal de cidade e sobretudo, de mulher.

A prostituta foi em muitos momentos históricos, uma afronta ao ideal civilizatório pensado para cidade e para a mulher, mas paradoxalmente é como se ela fosse necessária em certa medida na mesma sociedade, que a recrimina, pois, a partir dela projeta-se seu oposto, a mulher "decente". Ela, a prostituta, trazia em si a ideia de liberdade, de independência, de rebeldia, daí ser também indesejável e combatida, pois rompe com uma certa lógica machista de dominação sobre a mulher, que deveria sempre estar pronta para obedecer.

Elas foram seres destoantes de um *ethos* pretendido universalmente pelo Ocidente cristão para a figura da mulher. Elas não se enquadravam nas atribuições da mulher "decente", da mãe, que ensinaria aos filhos a educação do "*espírito: rezar, pronunciar o santo nome de Deus, confessar-se com regularidade, participar de missas e festas religiosas.* "[5]

Elas não eram casadas, não tinham um casamento, aquilo que desde a Colônia era tão prezado pela Igreja Católica para a mulher. O casamento era muita coisa. Bem mais no passado do que nos dias atuais ele já foi o "*divisor entre a casa e a rua... ou entre esposas e as outras.* "[6] Como não eram casadas, eram, portanto, a outra, as outras. A outra que não correspondia aos ideais "*definidos pela Igreja Católica no Concílio de Trento, em 1545*"[7], para a mulher e para a família, implantados aqui desde a chegada do colonizador português.

Jamais seriam a mulher "santa mãezinha"[8], pensada e idealizada pelo mundo cristão do Ocidente, pois eram "públicas", da rua, viviam na "devassidão moral", eram mulheres de muitos homens, por isso jamais seriam respeitadas. Elas estavam mais para Eva do que para Maria, "*o modelo ideal era Nossa Senhora. Modelo de pudor, severidade e castidade.* "[9]

[5] DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher.** São Paulo: Planeta, 2013, p. 11.
[6] Ibidem, p. 11.
[7] Ibidem, p. 11.
[8] Expressão usada pela historiadora Mary Del Priore em vários de seus livros, para se referir ao modelo de mulher, pensado e projeto pela Igreja Católica, qualquer mulher que destoasse dos padrões oficiais do "ser mulher", inicialmente na Colônia e posteriormente em toda nossa história, era sempre a mal falada, a outra, a prostituta.
[9] Ibidem, p. 12.



Eram no imaginário de muitos o que havia de pior no mundo feminino, seja na Colônia, no Império ou República, nas grandes cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo ou nas pequenas como Caruaru, eram seres desejáveis indesejáveis.

Segundo Del Priore:

> Existindo como o negativo atraente e ameaçador da família, as mulheres públicas foram descritas com todos os vícios, pecados e excessos que se atribui a uma profissão exercida [...] a prostituta estava associada à sujeira, ao fedor, à doença, ao corpo putrefato. [...] Ameaça para os homens e mau exemplo para as esposas, a prostituta agia por dinheiro. E por dinheiro colocava em perigo as grandes fortunas, a honra das famílias. Enfim, era o inimigo ideal para se atirar pedras.[10]

A transferência dessas "infelizes" para um outro local da cidade, que não o centro, precisava ser legitimada e para isso a pesquisa embasada na vontade de verdade de quem a faz entra em jogo. Segundo o jornal **A Defesa**, o major Fernando Veras fez um levantamento "objetivando uma solução satisfatória para o grave e difícil problema" da rua Almirante Barroso.

Segundo a investigação do major no jornal **A Defesa**, que também será mais tarde noticiada no **Jornal Vanguarda** em 29 de julho, na rua *Almirante Barroso*, na *Marquês de Tamandaré* e na *Vicente Monteiro* (adjacências da Almirante), existiam:

- 168 mulheres prostitutas;
- 135 são de outros municípios;
- 33 são de Caruaru;
- 98% delas são analfabetas e socialmente marginalizadas.

Fica visível assim, que a "zona" era bem conhecida por parte das autoridades. Conhecidíssima. Nelson Barbalho que o diga. Era conhecida pelo conjunto de autoridades que estavam envolvidas nessa ação, nesse empreendimento social, nesse processo de jardinagem e carpinagem social. Havia uma mobilização entre:

- O delegado;
- O Juiz da 1ª Vara;
- O Prefeito;
- Os vereadores;

[10] DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil.** São Paulo: Planeta, 2011, p. 88-89.



- E o discurso da população no cotidiano citadino.

É o que nos diz quem escreveu esta notícia, que havia um empenho coletivo para a concretização dessa ação. Seguindo a ordem das coisas, o texto da manchete deste dia, termina mentindo passando para a população, informações que não condiziam com a realidade do Mocó (o futuro local para onde seriam "transferidas" essas mulheres).

Afirmavam em suas linhas que o "*Mocó foi o local escolhido, porque oferece melhores condições*", mentira esta que será desmanchada pelo próprio jornal, juntamente com o **Vanguarda** na próxima publicação em que as verdadeiras condições do bairro Mocó serão divulgadas, um lugar sem iluminação, sem água, sem a mínima condição de habitação.

O jornal conclui suas linhas sobre a transferência da "zona" com as seguintes palavras: "*A 0 horas do dia 1º de agosto a rua Almirante Barroso deixará de ser a "zona de baixo meretrício" da Capital do Agreste*". Era um sonho que aparentemente começava a tomar forma, corpo, caminhos, "solução" e, pouco importavam os meios que seriam utilizados para se alcançar tal fim. O fim é, nas sociedades capitalistas o único produto pensável, os meios não importam, nunca.

Uma semana depois, no dia 14 de julho de 1973, outro dia de sábado, o jornal **A Defesa** publica, a continuação dessa história que aqui estamos a dissertar, sob o título: **O MOCÓ NÃO TEM A MÍNIMA CONDIÇÃO DE HABITABILIDADE.**

Diferente do dia 07, a notícia do dia 14 de julho aparece registrada com o nome de alguém, o texto é de autoria de Agostinho Batista.[11] Há nesta matéria uma mudança significativa no discurso sobre a transferência da "zona" e do novo local para onde iriam as prostitutas, o Mocó. O modo como o escritor construirá o texto informativo é radicalmente oposto ao primeiro, mais compreensivo, mais sensível aos dramas humanos existentes naquela situação que se desenhava em Caruaru. Dizemos sensível, pois acreditamos nas sensibilidades humanas como categoria da História.

O discurso do dia 14 de julho destoa significativamente do discurso da semana anterior, em que o jornal celebrava e praticamente tinha por certo o

[11] Foi um respeitado professor de História da cidade de Caruaru, hoje já falecido. No jornal Vanguarda do dia 29 de outubro de 2011, na coluna opinião, um ex-aluno do professor Agostinho, o Carlos Pinheiro escreve um texto em homenagem ao seu mestre, exaltando sua sabedoria, sua responsabilidade com o ensino e a saudade dos tempos de escola.



"exitoso" trabalho de transferência da "zona do baixo meretrício", o que nos leva a crer que a notícia do dia 07 não foi redigida pelo mesmo autor, pelo tom brando, compreensível, preocupante que a notícia nos passa, pelos questionamentos lançados, pelas falas de algumas prostitutas no próprio comunicado, revelando seus medos e temores.

O texto do Agostinho Batista nos traz uma série de reflexões. Sua narrativa começa desfazendo a mentira criada e inventada e não sem uma intencionalidade, no dia 07 sobre as condições de habitabilidade do lugar (bairro) chamado Mocó, para onde as prostitutas iriam.

Dizia o jornal **A Defesa em 07 de julho** sobre o bairro Mocó:

> O Mocó foi o local escolhido, porque oferece melhores condições. De início tinha apenas a possibilidade de receber 38 mulheres nas casas disponíveis. Depois que as famílias saíram espontaneamente de lá para outros locais, foi possível a transferência da zona. Todas as mulheres que moram atualmente no Almirante Barroso já têm as suas casas alugadas no Mocó (Grifos nossos).

Disse o jornal **A Defesa em 14 de julho** por meio de Agostinho Batista:

> O Mocó não tem a mínima condição para receber de uma só vez as mulheres que moram na rua Almirante Barroso e adjacências. O local um tanto deserto e habitado nos arredores por pobres agricultores, possui apenas umas três casas- que podem ser chamadas de casas. As restantes quase quarenta, são umas taperas, verdadeiros "quixós" sem piso, sem água, sem luz, sem saneamento, muitas delas quase caindo sem condições reais de habitabilidade (Grifos nossos).

Por que mentiu ou mentiram aqueles que escreveram sobre o mesmo assunto uma semana antes? Que vontade (s) de verdade (s) permeavam aqueles discursos aparentemente informativos? Qual era a real intenção de quem o fez? Não era apenas uma forma desesperada de querer transferir o "problema" da zona para um outro local, "invisível" aos olhos da "boa sociedade"?

O Mocó não tinha de fato o mínimo de condição digna para receber as prostitutas "indignas" e, o jornal **Vanguarda** confirmará isso no dia 29 de julho em parte aquilo que foi dito por Agostinho Batista. Há, portanto, nesse fazer discursivo, um jogo de verdades que se confrontam, que se contradizem. Daí pensarmos estes



discursos ou melhor, "*o jogo desses discursos, como armas, como instrumentos de ataque e defesa em relações de poder e saber*. "[12]

A matéria do dia 07 atendia a lógica do quanto mais rápido melhor, daí a construção retórica e falaciosa do bairro do Mocó como um lugar propício e adequado para aquelas mulheres de "vida fácil", afim de que os olhos e ouvidos menos atentos pensassem ser legítima, portanto a transferência.

A matéria do dia 14, entretanto, desmancha ponto a ponto a construção mentirosa do Mocó, expondo-nos sua real situação material. O motivo real de tal desconstrução não o sabemos, porém podemos afirmar que este enunciado nos deixa claro as muitas intenções que permearam a construção do discurso do dia 07, que estava estritamente ligada a uma prática de exclusão e marginalização cognominada de transferência, palavra até bonita para ser usada quando não se era uma prostituta da *Almirante Barroso*.

Um fato interessante nos chama a atenção na matéria do dia 14 de julho, o escritor Agostinho Batista nos fala sobre o estado psicológico de nossas prostitutas, sobre seus medos e apreensão quanto a futura mudança. E em alguns momentos nos traz pequenas falas de algumas prostitutas entrevistadas na rua *Almirante Barroso*, fragmentos de seus desesperos.

"*Enquanto isto, na rua Almirante Barroso, as mulheres estão desesperadas. A maioria está apreensiva, porque fatalmente irá passar mais fome e será jogada à rua com os filhos e familiares*". E não deveriam estar? O escritor continua agora trazendo três frases das próprias prostitutas para o seu texto, e agora para o nosso:

> Para algumas mães de família que moram e sustentam os filhos, na zona, "porque é o jeito", acham a mudança para o Mocó "uma coisa brusca". Todas as mulheres entrevistadas acham que a zona deve ser transferida dali para outro local da cidade. Mas são contrárias à mudança dentro de poucos dias para o Mocó, pois lá "será um verdadeiro inferno" (Grifos nossos, A Defesa, 14 de julho de 1973).

Por meio da fala do Agostinho Batista ouvimos, ainda que de forma breve a voz de algumas prostitutas, sussurros de sua existência, a primeira deixando-nos claro que viviam na "zona" *"porque era o jeito",* o jeito que encontraram/encontravam

[12] FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão.** 2ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013, p. 13.



nesta sociedade capitalista excludente e desigual de se manterem vivas, alimentadas.

O caminho do meretrício era o caminho do sustento de muitas e de suas respectivas famílias, cujos membros muitas vezes segundo o autor da matéria, eram "já velhos e alquebrados". A prostituição pode ser compreendida aqui como um meio de vida, como uma forma de subsistência, que não tem nada a ver com a análise moralista do julgamento.

Que não eram bem-vindas nos espaços mais visíveis da cidade, elas já sabiam. Transferir os cabarés da *Almirante Barroso* para um outro lugar, era até possível, pensável e realizável, mas, daquela forma "brusca", e em tão poucos dias? Tratadas como bichos? Mas como já disse um Aristides Veras no jornal Vanguarda em 05 de agosto, elas iam se acostumar no Mocó, porque "*Mocó é bicho... e bicho com bicha, dá tudo certo*. "

Eram, portanto, em certas análises afastadas de sua humanidade, sua prática era mais discutível do que sua condição de ser humano excluído da "boa sociedade", coisa típica das sociedades moralistas não só da modernidade, mas, de qualquer sociedade que se arroga a partir de uma moral absoluta o direito de dizer o que é o outro em tão poucas palavras, com dois ou três adjetivos.

"*Lá (o Mocó) seria um inferno*", disse alguma prostituta na matéria, mas, de que importava suas opiniões, seus sofrimentos e medos, quando as decisões já estavam tomadas, ou quando os rumos de suas vidas já lhes escapavam? Já não eram suas vidas um "inferno"?

O Mocó era uma realidade concreta, ele existia, mas trazia consigo a incerteza de uma série de questões. Talvez para aquelas mulheres, é como se lhes faltassem o chão debaixo de seus cansados pés, agora pisavam apenas o chão da incerteza, da dúvida, da apreensão, da ansiedade, de saber quando tudo aquilo acabaria ou se acalmaria.

Não há dúvidas de que choraram, alguém chorou, não eram também humanas? Quem sendo humano em momentos de perturbação, incerteza e "desespero" como disse o Agostinho Batista na matéria não choraria? Lágrimas misturadas a pensamentos molharam as faces daquelas pobres mulheres, como nos disse o autor "*com muitas lágrimas e com muito sofrimento*", talvez esta situação



tenha mostrado as prostitutas da *Almirante Barroso* sua "insignificância" na sociedade da qual eram frutos e sobretudo vítimas.

Muitas palavras utilizadas pelo autor da matéria nos transmite a ideia de sentimentos, de sensibilidades, de emoções, daí pensarmos com cuidado e interpretarmos aquilo que a nós é mostrado pelos vestígios deixados pelo passado, não querendo apreendê-las tal qual aconteceram, pois isso seria impossível. Pois, acreditamos como a historiadora Sandra Pesavento para quem:

> recuperar sensibilidades não é sentir da mesma forma, é tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de um outro tempo pelos rastros que deixou. O passado encerra uma experiência singular de percepção e representação do mundo, mas os registros que ficaram, e que é preciso saber ler, nos permitem ir além da lacuna, do vazio, do silêncio. [...] O mundo do sensível é difícil de ser quantificado, mas é fundamental que seja buscado e avaliado pela História Cultural. Ele incide justo sobre as formas de valorizar, classificar o mundo, ou de reagir diante de determinadas situações e personagens sociais. Em suma, as sensibilidades estão presentes na formulação imaginária do mundo que os homens produzem em todos os tempos.[13]

As sensibilidades compõem também a história, os sentidos, os temores e medos humanos nos contam muito de uma sociedade, de uma realidade, de um tempo que já se escoou não mais existindo, mas, possível de leitura e interpretações a partir da pesquisa histórica e pelos rastros deixados, inscritos de alguma maneira na materialidade, por isso entendemos como disse Sandra Jatahy Pesavento, as sensibilidade como "*este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana que se encontra no âmago da construção de um imaginário social*."

Agostinho Batista continua chamando nossa atenção com sua escrita, sobre as implicações da "transferência" sob aquelas condições. O autor diz que "a mudança da zona merece um estudo mais demorado por parte das autoridades", ficando claro para nós o modo como foi pensado pelas autoridades locais aquela "cirurgia" espacial e urbana: de forma aligeirada, sem ser levado em consideração as muitas implicações desse processo.

Para Agostinho Batista:

[13] PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades.** In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En ligne], Colloques, mis en ligne le 04 février 2005, consulta em 12 maio 2017. URL: http://nuevomundo.revues.org/229.



> ... o problema parece fácil. É seríssimo. É um problema humano de implicação social, econômica e religiosa [...] As mulheres que moram na Almirante Barroso, estão lá, não porque querem, mas porque são vítimas da fome, do analfabetismo, do desemprego, do desajuste familiar e que às vezes da maldade de muitos homens que só veem na mulher um objeto de prazer que depois de desfrutado deve ser jogado fora, mesmo que seja na rua da amargura (**A DEFESA**, 14 de julho de 1973).

Há nesta escrita do autor, uma tentativa de compreender o fenômeno da prostituição, para além das definições moralistas e religiosas que o jornal trazia até então. O escritor busca a compreensão da prostituição na cidade e sobretudo na *Almirante Barroso* como o resultado de uma série de coisas: “fome”, “analfabetismo” “desemprego” do “desajuste familiar”, ele não busca compreender tais mulheres e prática a partir de uma moral estabelecida, sobretudo, cristã. Ele vê estas mulheres como vítimas e não apenas como “transgressoras” de uma ordem e de uma moral imperativa. Compreende-as como parte de um problema muito maior, gerado pela própria sociedade na qual estavam inseridas.

É preciso buscarmos esta explicação social, como nos aponta George Simmel e que de certa forma tentou fazer a seu modo o escritor da matéria. É necessário a compreensão do fenômeno da prostituição de forma ampla e global para evitarmos qualquer julgamento a partir de uma moral absoluta e, incorremos no erro do julgamento ao invés do entendimento do processo. Ao historiador cabe a busca pelo conhecimento e não o trono de julgamentos.

O autor continua a falar sobre a situação de vida destas mulheres: “as mulheres da zona, na sua quase totalidade, levam uma vida das mais difíceis e das mais humilhantes”, diferentemente daqueles que afirmavam que estas mulheres prostitutas eram “mulheres de vida fácil e alegre”, Agostinho Batista nos chama a atenção para a realidade da vida de tais mulheres, e usa dois adjetivos que muito nos dizem sobre suas vidas: difícil e humilhante.

Assim como Simmel, acreditamos que:

> nada mais falso do que chamar de garotas de vida alegre, essas infelizes criaturas e entender por aí que elas vivem efetivamente para a alegria: talvez para a alegria alheia, mas não decerto para a delas. Ou acaso se estima que seja uma delícia, noite após noite, em qualquer tempo- calor, chuva ou frio-, bater pernas pelas ruas para



> oferecer uma presa e servir de mecanismo ejaculatório ao primeiro indivíduo que aparecer, por mais repugnante que seja?[14]

Parece que o nosso escritor, Agostinho Batista, tinha compreendido o modo de vida difícil daquelas mulheres, havia nele uma preocupação para com as prostitutas e com as consequências daquela transferência aligeirada. Por isso ainda na matéria do dia 14 ele diz, lançando um pedido as autoridades:

> daqui fazemos um veemente apelo às autoridades para que reconsiderem a determinação ou pelo menos o desejo de transferir a zona da Almirante Barroso no próximo dia 30. Porque se a mudança for concretizada, o Mocó passará a ser um antro de imundície e foco de doenças, não só para os que moram ali e adjacências, haverá fatalmente acumulação de lixo e fezes, mas para a própria cidade (A DEFESA, 19773).

E conclui a matéria nos dizendo: “a mulher mesmo na prostituição forçada, merece o nosso profundo respeito, porque muitas vezes é uma miserável mãe que sustenta os seus filhos e familiares com o heroísmo, com muitas lágrimas, com muito sofrimento”, em nenhum momento no ano de 1973 no jornal **A Defesa** alguém se dirigiu as prostitutas com atenção e pedindo respeito a elas. Ninguém tentou compreendê-las, em seus medos e angústias como Agostinho Batista, inclusive reconhecendo o heroísmo de tais mulheres ao sustentarem seus filhos com o dinheiro daquela prática “deplorável”.

Durante todo esse processo de transferência da zona do meretrício, noticiado pelo jornal **A Defesa**, Agostinho Batista só aparece escrevendo uma vez, exatamente no dia 14 de julho, mas essa sua publicação foi suficiente para nos elucidar sobre uma série de questões ligadas a “transferência”. As informações contidas e trazidas a nós por meio do jornal **A Defesa** no dia 14 de julho sobre nossas prostitutas encerram-se aí.

O dia 21 de julho de 1973, nos traria mais algumas informações sobre o próximo capítulo dessa novela intitulada de transferência da “zona do baixo meretrício”, da rua Almirante Barroso para o Mocó que parecia não ter fim. A notícia do dia 21 de julho, parecia atrapalhar a marcha em curso da retirada brusca das prostitutas caruaruenses de um espaço central e visível da cidade. Segundo o jornal

[14] SIMMEL, George. **Filosofia do amor.** São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 1-2.



a “transferência da “Zona” para o Mocó, não será possível no fim do mês”, no caso no dia 30 de julho conforme o previsto pela matéria anterior. Será que o apelo feito as autoridades citadinas na matéria do dia 21 por Agostinho Batista tinha surtido algum efeito? As prostitutas permaneceriam residentes na *Almirante Barroso* e adjacências ou, aquele assunto seria repensado pelas autoridades competentes? Poucas são as informações contidas no noticiário do dia 21, sobre a transferência que não ocorreria no dia 30. A notícia que aparece mais uma vez sem autor, não nos diz os motivos pelos quais a transferência da zona do “baixo meretrício” não ocorreria, apenas dizia que “as autoridades locais está trabalhando incansavelmente” para “realizar os melhoramentos solicitados pela autoridade policial de nosso município”.

Mas, não estava tudo tão esquematizado e orquestrado de forma que tal transferência representaria a “resolução de um problema” para uma “cidade como Caruaru” desde a publicação do dia 07 de julho? Como agora o Mocó não tinha condições de comportar estas mulheres? Mentiram sobre as condições de habitabilidade do bairro Mocó? Certamente que sim. Por que mentiram/mentiam?

Após esta publicação do dia 21 de julho feito pelo jornal **A Defesa**, sobre a rua Almirante Barroso e a transferência da zona para o Mocó, apenas no dia 18 de agosto de 1973 o referido jornal soltará uma pequena nota sobre a “rua da zona”, na matéria intitulada de “Página por dois”, apenas nesse dia e em nenhum outro mais de 1973.

Aquela era a última vez do ano de 1973 em que **A Defesa** voltaria sua atenção para a prostituição em Caruaru. Se a transferência das prostitutas da Almirante Barroso, bem como se os cabarés iriam ou não para o Mocó, o jornal não noticia mais, não sabemos o motivo de tal silenciamento. Até dezembro de 1973, nada mais será dito sobre nossas mulheres prostitutas. O jornal **A Defesa** calou-se. Calou-se sobre a prostituição em Caruaru, sobretudo na rua *Almirante Barroso*.

O fim dessa história, caberá ao jornal **Vanguarda** de Caruaru nos contar, em duas matérias na coluna intitulada *Nos Bastidores da Cidade*, escrita por Aristides Veras, rompendo o silêncio do **Vanguarda** em relação a transferência das prostitutas para o Mocó.

É exatamente no dia 29 de julho que pela primeira vez no ano de 1973 o jornal **Vanguarda** se pronuncia sobre o processo, por meio do jornalista Aristides



Veras, que nos deixará claro o que pensa sobre a prostituição em Caruaru e consequentemente sobre aquelas mulheres "públicas" e, sobre a transferência do "baixo meretrício". Ele ressalta seu apoio as medidas tomadas pelas autoridades, bem como as decisões do "major Fernando Veras, responsável pela primeira Delegacia desta cidade". E termina sua matéria com o seu "MEU PENSAMENTO" inclusive acreditando que aquelas medidas tomadas pelas elites citadinas eram "humanitárias".

Ainda no dia 29 de julho, no jornal **Vanguarda** o professor Aleixo Leite Filho, também escritor de matérias no jornal A Defesa, publica um soneto com o título de *Meretrício*, mais uma vez nos passando sua interpretação do que é a prostituição e a figura da prostituta a partir de uma moral absoluta, e que, portanto, cai nas errôneas generalizações dos julgamentos.

E aqui chegamos a nossa pergunta central, sem mais delongas: a "transferência da zona" para o Mocó foi ou não concretizada? Nenhum dos dois jornais noticiaram o dia exato da transferência, que de fato ocorreu. Não sabemos exatamente o dia de tal ocorrido, mas pelas publicações ela só poderia ter ocorrido entre 29 de julho e 05 de agosto de 1973, quando o **Vanguarda** através do jornalista Aristides Veras nos dirá que a "dificuldade" foi "equacionada" e que não "existe a palavra impossível no dicionário. Existe, sim, mas para os acomodados". A transferência da "zona do baixo meretrício" era agora uma realidade. Essa história continua em minha dissertação.

Referências

CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difusão editorial, 1988.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher.** São Paulo: Planeta, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil.** São Paulo: Planeta, 2011

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.



FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão.** 2ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013.

PEREIRA, Armando. **Sexo e prostituição.** Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1968.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** Ver. Bras. Hist., Jun 2007, vol.27, n°53, p.11-23.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Era uma vez um beco: origens de um mau lugar.** In: Palavras da Cidade. (org.) Maria Stella Bresciani. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Lugares malditos: a cidade do "outro" no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX).** Rev. bras. Hist. vol.19 n.37 São Paulo Sept. 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades.** In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En ligne], Colloques, mis en ligne le 04 février 2005, consulta em 12 maio 2017.

SIMMEL, George. **Filosofia do amor.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.